

GUERREIRA SIM, MAS NEM TANTO
(SHE IS A WARRIOR, BUT NOT THAT MUCH)

Vera Lúcia Massoni Xavier da SILVA^{*}
Maria Izabel de Oliveira MASSONI^{**}

RESUMO

Este artigo pretende refletir sobre a complexidade presente no discurso da mulher presidiária, refletindo situações discursivas que se assentam no confronto entre o novo e o velho dizer delas e sobre elas.

PALAVRAS-CHAVE: Texto. Discurso. Gênero.

Perrot (1992), em seu estudo sobre as mulheres do século XVII e XIX, afirma que, embora juridicamente ocupassem posição inferior aos homens, uma vez que não exerciam direito de voto nem preenchiam posições políticas, na prática, constituíam o sexo superior, pois eram o poder que se ocultava por detrás do trono: elas “puxavam os fiozinhos dos bastidores”, enquanto os homens se mexiam na cena pública.

Contra os discursos naturalistas e hegeliano, que ressaltam a diferença entre homem e mulher, baseando-se no sexo biológico, há, no início do século XX, a reivindicação de igualdade dos direitos civis e políticos e o acesso às profissões intelectuais. Surge a “Nova Eva”, em que passa, na cidade, a ser a mulher importante, embora tal relevância ainda esteja ligada à família. Trata-se da gestão da vida cotidiana. Assim, do trabalho doméstico não-assalariado, a mulher passa a outros afazeres, pequenos comércios, que lhe dão recursos complementares ao orçamento. Para Perrot (1997), as mulheres se ativam em todos os sentidos, tornando sua contribuição orçamentária marginal em essencial, como consequência do desemprego do homem. Rebelam-se contra a exploração dos preços pelos comerciantes, lutam por aluguéis justos e organizam mudanças na calada da noite quando não podem pagá-los. É uma mulher mais livre nos gestos, nas vestimentas, resistindo também à polidez e à afetação recatada.

Alhoy e Lourine (in PERROT, 1997), na descrição de uma cela de mulheres na cadeia de Paris, afirmam que elas cantam com vozes roucas, praguejam com vozes desagradáveis, dançam com tamancos, falam de amor blasfemando, traduzem poesia na gíria, parodiam a justiça, zombam da polícia, brincam alegremente de tribunal e guilhotina ao som de uma nova cantiga romântica. Para eles, comparada às celas das mulheres, as dos homens mereceriam atestado de bom comportamento e de bons costumes.

No início do século XX, as mulheres francesas, em decorrência da carestia de laticínios e artigos de mercearia, organizam motins que se alastraram aos setores têxteis, chegando aos portos industriais, embora contra elas investissem os sindicalistas, que discordavam da sua forma de protestar (com panelas e utensílios de cozinha).

^{*} Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP, São José do Rio Preto, 1998). Coordenadora de Pós-Graduação do Centro Universitário de Araras "Dr. Edmundo Ulson" - UNAR.

^{**} Doutora em Linguística (UNICAMP, 2002). Professora aposentada da UNESP, São José do Rio Preto.

Em meados dos anos 70, introduziu-se o conceito de gênero como categoria científica para explicitar as relações sociais entre os sexos, não se referindo, especificamente, a um ou a outro sexo, numa visão diferente da dos naturalistas e positivistas.

Barbosa (1989) afirma que gênero não significa homem e mulher tal como nascem, mas, sim, como se fazem com diferentes poderes, diferentes comportamentos, diferentes sentimentos.

Concluindo seus estudos, Perrot afirma que as mulheres não são submissas nem passivas. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. Na cidade, na própria fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, elas “traçam um caminho que é preciso reencontrar”.

Nesse caminho que se afirma “por outras palavras” e “outros gestos”, há, acreditamos, “atalhos” de sentidos que, neste trabalho, pretendemos resgatar, norteados pela “placa sinalizadora” da questão: até que ponto o discurso das mulheres presidiárias do interior de São Paulo indica sentidos assentados no confronto entre o velho e o novo dizer das (e sobre) mulheres? Para isso, estabelecemos como *corpus* textos produzidos por vinte detentas de cadeias públicas de Tabapuã e Fernando Prestes, cidades do interior paulista, sobre o tema “O que é ser mulher presidiária”.

O corpus em análise

O exame das produções das detentas revelou-nos, em primeiro lugar, o movimento da paráfrase discursiva, isto é, o já dito, já cristalizado, retornando em outra época histórica: trata-se do discurso da mulher mãe, da mulher protetora. Segundo as detentas, a ausência dos filhos é o maior problema que enfrentam, como podemos observar nos fragmentos: “*O que mais me machuca é a falta dos meus filhos*”; “*Neste lugar me falta o principal: meus filhos*”; “*Meu maior sofrimento foi ter que deixar a minha filha nos braços da minha irmã e entrar na viatura*”; “*A dor maior é a saudade da família, principalmente do filho*”.

Nesses fragmentos, a imagem projetada da mulher é de Madona que protege os filhos e sofre por eles. É o instinto materno que fala mais alto, podendo-se inferir que a privação da liberdade nada significa diante da separação, comprovando-se, nesse silenciamento, a reiteração de um discurso calcado na visão naturalista, em que questões relativas à liberdade e à opressão são da alçada do mundo masculino.

O mesmo é constatado no discurso da submissão, conforme os enunciados: “*Me falaram que tem que pedir licença para entrar na sala do delegado*”; “*Somos dez mulheres, as três mais velhas do X praticamente não fazem nada. As sete mais novas cada dia uma pra fazer faxina no X e cada X tem suas regras*”. Ou neste:

Temos que ter cuidado e pensar antes de falar qualquer coisa, porque qualquer palavra errada pode gerar uma briga, as regras são rígidas, por isso, quando chega uma nova a mais velha do X explica o que deve e o que não deve fazer, se erramos somos chamadas atenção na hora e perto das outras e nem pensar em reclamar, senão arranja briga com todas.

Observa-se que o valor deôntico de “ter que” indica as estruturas de poder circulantes na sociedade que são reproduzidas em todas as circunstâncias, e a elas as presidiárias se

submetem, revelando, por exemplo, atitudes estereotipadas no tratamento com autoridades (pedir licença ao delegado) e submissão às regras criadas pelas detentas mais velhas (simulacro de lugar de autoridade).

Em nenhum momento questionam por que entre elas há tratamento diferente, por que algumas nada fazem e outras a tudo obedecem, já que todas são iguais, uma vez que estão na mesma situação pelos delitos cometidos.

À exceção de dois textos, a maioria revela-se submissa às regras, mandos e acordos de cela, num reflexo da própria condição feminina estabelecida discursiva e historicamente como tal.

A mulher sensível, afetiva, também aparece no discurso das presidiárias. A solidariedade é traço bastante frequente em suas produções, pois dividem entre si o que têm; consolam-se, podendo-se inferir que a imagem que elas têm da sociedade não corresponde à união encontrada na cela, conforme se depreende das afirmações: “*Nesse X são todas unidas*”; “*Apesar de todos os sofrimentos nós somos unidas*”; “*Aqui você aprende a repartir, a conviver com pessoas completamente estranhas*”; “*Se uma está chorando, está triste, as outras correm consolar*”.

Em algumas produções, verificamos afirmações referentes ao fato de a mulher ser uma guerreira, o que nos revela o movimento da polissemia discursiva, isto é, o já dito que retorna de forma diferente, produzindo uma ruptura nos processos de significação, conforme Orlandi (1999). Nesse sentido, a mulher mãe e dona-de-casa, que vivia às expensas do marido, toma para si a responsabilidade de prover a subsistência do lar e da família. Não é mais a mulher do século XIX que apenas complementava o orçamento doméstico, com pequenos comércios; é a que, sozinha, sustenta seu lar: “*Guerreira é a mulher que batalha, que vai à luta pra sustentar sua casa, criar seus filhos, que mesmo sozinha não teme a sociedade, enfim não tem limites pra uma guerreira*”; “*Sou uma guerreira, sempre trabalhei na roça como um homem pra sustentar meus filhos*”; “*A mulher é guerreira na parte de vencer e criar os filhos*”.

Na noção de “guerreira”, refletem-se a iniciativa, a coragem, a ação destemida, próprias ao papel do responsável pela criação e pelo sustento dos filhos. Porém, esse papel é assumido, conforme o grifado, nos fragmentos acima, **como se** as mulheres fossem homens, resgatando-se, no dito, a visão a partir da qual foi construído: é o homem que trabalha na roça para sustentar os filhos; é o homem que enfrenta a sociedade para proteger a família.

Assim, temos uma mulher que se vê guerreira, segundo a imagem do guerreiro (ela é guerreira, mas não é guerreira).

Esse paradoxo se apresenta também em outras definições de guerreira, como se depreende dos fragmentos: “*Ser guerreira é lutar pelos ideais*”; “*Ser guerreira é ter garra, convicção em tudo o que quer*”; “*Sou guerreira por estar lutando contra o tempo neste lugar. A carência deste lugar é total em todos os sentidos*”; “*Ser guerreira é poder vencer essa batalha e enfrentar essas dificuldades sempre de cabeça erguida*”; “*Ser guerreira é ser lutadora com o tempo, com a solidão em todas as dificuldades*”.

O deslizar entre os papéis de homem e mulher que o contexto de análise do *corpus* nos apresentou, revela a complexidade na delimitação entre a Eva e a Madona, entre a guerreira e a não-guerreira, entre homem e mulher. O único elemento central na construção de sua

identidade social e que marca sua identidade de gênero é a maternidade (a maioria fala dos filhos).

Duas produções mostram-nos uma posição de mulher que questiona, que não aceita o estabelecido pelas regras da sociedade e, conseqüentemente, as das celas.

Uma delas se posiciona logo no início e afirma: “Hoje me dou conta, como mulher ‘submissa’ que sou, que a mulher é dona de uma grande sabedoria”. Entendemos que essa mulher, na verdade, não é mais submissa, pois ser submissa é aceitar a diferença estabelecida com base no sexo biológico, é aceitar que à mulher cabem apenas o lar e os tecidos, conforme apregoavam os naturalistas. Ela é diferente, e isso pode ser comprovado no uso de aspas na palavra submissa, reflexo de outra voz que ela introduz no texto. Essa mulher é diferente, ela não tem apenas emoção, ela tem sabedoria e consciência. Ressalte-se, ainda, que, no decorrer de seu texto, ela deixa marcas que nos permitem dar sentido à “sabedoria” a que se refere. Para ela, ser sábia é tirar proveito da situação em que se encontra (“aprendi a fazer tapetes de crochê e quando sair daqui vou vender e ganhar dinheiro”). Para nós, essa é a mulher que tem consciência de seu papel, porque, utilizando-se da memória discursiva da submissão da mulher, ironiza-a e aproveita-se da sua experiência para tornar-se sábia; portanto, com o poder (advindo do saber construído) de, inclusive, criticar a sociedade a partir desse lugar.

A sociedade é muito falsa, egoísta, mas tem poder sobre nós, encarceradas. O grande mal da sociedade é que eles estão cegos, eles não conseguem ver que mesmo encarcerada, nós somos úteis para eles próprios. Trabalhamos aqui sem direito a nada, ganhamos aquilo que a gente produz.

A sociedade é falsa, porque faz da mulher um ser submisso, exerce poder, porque discrimina a mulher, porque a vê como um bicho, não reconhecendo seu valor de lutadora. A sociedade não percebe, segundo as palavras da presidiária, que a mulher encarcerada é útil, ressaltando-se que há um novo sentido para a expressão “ser útil”, isto é, nas palavras do sujeito, “ser útil” não significa produzir para o bem comum, não significa ser cidadão, mas, nessa situação, não ser um peso para o Estado. Nesse sentido, ela é útil porque faz tapetes, vende-os para sustentar seus filhos, mesmo estando presa. Se não os fizesse, seria a própria sociedade que deveria manter os filhos dela.

Finalizando seu relato, a detenta afirma que “a mulher não é sexo frágil, é uma heroína”, depreendendo-se, mais uma vez, o movimento da polissemia discursiva, revelada na figura da mulher forte, questionadora sobre o seu lugar no mundo.

Outra produção que nos chamou a atenção foi a referente ao texto abaixo:

Ser mulher na cadeia não muda nada, o que somos lá fora somos aqui dentro. Não me sinto só, não tenho tristeza, só fico triste quando vejo uma mulher desvalorizando seu corpo, seu respeito. A falta de respeito é muito grande aqui nessa cadeia, são mulheres que usam um argumento tão forte que se deixar você fica até sem a calcinha.

Estou presa por uma grande injustiça. São uma quadrilha de traficantes que por pouco não tira a minha vida. Tudo armação, começa na alta sociedade e termina na favela. Uma quadrilha que matou meu filho e iria matar o outro também e ainda olha na minha cara e diz que vai tentar de novo. Veja agora se uma pessoa dessa merece viver em sociedade e ainda diz que estuda

Direito. Veja como são as coisas, nós, pessoas de bem temos que aceitar os traficantes e nós não podemos fazer nada. Onde está a justiça?

Acreditamos que esse texto, entre os vinte analisados, é o segundo que revela uma mulher que é ciente do seu papel como “guerreira”, semelhante à anterior: assume o encarceramento “sem tristeza”, como resgate de sua pena, critica a mulher que desvaloriza o corpo, critica a companheira que cede às regras da cela (“se deixar você fica até sem a calcinha”); critica a sociedade, pois se sente injustiçada (“a quadrilha de traficantes”, “tudo armação”, “e ainda diz que estuda Direito”, “onde está a justiça?”).

É interessante observar que, em relação a essa detenta, o carcereiro recomendou-nos a não-utilização de seu texto pelo fato de ela “ser louca”, pois havia queimado suas roupas, só lhe restando a do corpo, além de mentir a respeito do assassinato do filho. Segundo ele, o rapaz morreria de overdose.

Essa recomendação, na verdade, indica que o “ser louca” é qualidade atribuída a ela, segundo uma imagem pré-estabelecida que o carcereiro tem da mulher. Se ele a visse como “guerreira”, entenderia que o queimar as roupas é uma resposta negativa às regras impostas na cela, já que as mais velhas se assenhoram dos pertences das mais novas. Entenderia também que o filho dela havia sido, de fato, morto por traficantes, pois a atuação destes o levava à morte por overdose. Enfim, ela é uma guerreira.

Considerações finais

É nesse “atalho” das celas dos presídios analisados que constatamos ser muito complexos os caminhos para “reencontrarmos” (conforme Perrot) a mulher nos dias atuais. Tanto nelas como na sociedade, elas se perdem na ilusão de estarem agindo como “guerreiras”, quando, na verdade, ainda vêem o mundo pelos olhos dos homens.

Das vinte produções analisadas, duas se mostram guerreiras. As outras dezoito, nem tanto.

ABSTRACT

This paper intends to discuss the complexity of discourses produced by imprisoned women, expressing discursive situations which are established on a confrontation between the new and the old way of saying used by and about them.

KEYWORDS: *Text. Discourse. Gender.*

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. À procura da história das mulheres. As mulheres, a identidade cultural e a defesa nacional. **Cadernos da condição feminina**. Lisboa, n.29, 1989.
- ORLANDI, E.P. **Análise de discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- PERROT, M. **Mulheres públicas**. Trad.: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 1997.
- PERROT, M. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Trad.: Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.